



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 130/2010
Contatos: secretaria@isb.org.br

DECLÍNIO DO IMPÉRIO ?

Falei da China e vou agora ao outro pólo do mundo no curso deste meio século: Assistiremos ao declínio do Império?

Esta é a pergunta mais freqüente entre os especuladores da História de hoje, com fundamento na analogia com outros impérios que, todos, encontraram sua derrocada no tempo próprio. Não terá chegado a hora dos Estados Unidos da América?

Meu interesse, ainda muito vivo, pela Política e pela História não me confere entretanto poderes divinatórios e nem competência profissional e acadêmica para arriscar o desenho de cenários bem construídos, com dados e fatos, que mostrem as probabilidades de ocorrência desse desmoronamento do poderio americano nas próximas décadas. Sei apenas que eu não o verei: minha resposta à pergunta “assistiremos?” é: eu não assistirei. O destino e o sentimento dos meus filhos me importam como se fossem meus mas, mesmo quanto a eles, não sei também se assistirão, até numa perspectiva de vida de cem anos como será a deles. Pode ser que sim, mas não me arrisco a qualquer assertiva, já disse as razões. E, se for o caso, direi felizmente ou infelizmente que assistirão? Ou, em outras palavras, será bom ou não, para os brasileiros? Continuo sem saber responder com certeza, embora me incline pela negativa.

O quadro ideal para os outros países é o do equilíbrio entre as grandes potências. O mundo viveu um período extremamente frutuoso (o Brasil em particular) durante os anos da segunda metade do século passado, até a derrocada soviética no fim dos oitenta. A hegemonia americana era clara no nosso hemisfério, mas a ameaça soviética obrigou o Império a fazer concessões formidáveis: o Plano Marshall e a social-democracia para a Europa, a descolonização na Ásia e na África, com o fim do Império Britânico, e o desenvolvimentismo na América Latina, especialmente aproveitado pelo Brasil.

A perspectiva, segundo os prognósticos mais abalizados, é de um mundo multipolar nos meados do século, o que será melhor ainda do que uma simples bipolaridade, que quase obriga à opção por uma das partes. De qualquer maneira, é difícil prever qualquer ocaso americano antes que o poderio econômico da China se lhe equipare, e o mundo viverá, pelo menos, uma bipolaridade (EUA-China) antes do fim da terceira década do século. Nada levaria a pensar em algo muito diferente daquela vivida nos anos de ouro, 50 e 60 dos mil e novecentos, não fosse a nova ameaça que pesa fortemente sobre todos, e que pode complicar todo o quadro: a possível destruição do planeta com a continuidade do crescimento da economia mundial. E se o mundo tiver que parar de crescer? E se o PIB do mundo tiver que parar para o mundo não morrer? Aí, sim, a complicação vai se multiplicar exponencialmente, seja porque o crescimento zero arreventa o capitalismo, seja porque ninguém vai poder dizer à China e à Índia que parem de crescer.

Complicado, sim, ao cubo. Duas coisas podem nos salvar desta cominação intrincada: a ONU e a Ciência. A ONU, se ganhar contornos de grande e respeitada instância negociadora, com o seu Conselho de Segurança reformado e ampliado, sem os poderes de veto, como vem querendo o Brasil. A Ciência se resolver bem o problema da fusão nuclear, do controle da reação, e revolucionar inimaginavelmente a produção de energia, sem emissão de carbono e geração de efeito estufa. São duas hipóteses ainda bem remotas, mas que podem revigorar bastante seus índices de probabilidade na medida em que a ameaça se torne avassaladora.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 130/2010
Contatos: secretaria@isb.org.br

Qualquer que seja a evolução do mundo neste novo milênio, a linha da História ganhou um traço diferente daqueles da nossa Era Cristã: á a grande ascensão do Oriente. A mim, um ocidental arraigado e radical, não me dá conforto. Muito li, ouvi, aprendi sobre a paciência milenar chinesa, seu Confucionismo pacifista, como sobre a brandura das filosofias indianas, ilustrada pelos seus maiores mestres Gautama e Gandhi.

Entretanto, sou cristão e ocidental. Profundamente e definitivamente.

Quero dizer com isso que, apesar das enormes críticas, queixas, mágoas contra a arrogância dos americanos, sua brutalidade, sua belicosidade, seu endeusamento do capital, do mercado, dos bancos, do business, sua mania de impor esses valores aos outros e ganhar ainda mais dinheiro com isso, apesar disso tudo, e do desprezo condescendente com que sempre nos trataram, a nós, brasileiros, apesar disso tudo, se obrigado a optar por uma hegemonia americana ou chinesa, ou indiana, eu não hesitaria em escolher a americana, que conheço.

Acrescento algo a favor deles: enfrentam um dilema que acredito possam resolver pela alternativa mais civilizada. Não se trata da economia nem do poder militar; a economia vai mal, irá mal nos próximos anos, mas em nada afetará seu poder militar absoluto. Não é dessas variáveis, entretanto, que dependerá a força dos Estados Unidos no mundo próximo. Acredito mais que será a política interna daquela grande nação a variável decisiva: refiro-me à capacidade de isolar e conter a fúria conservadora da “América Profunda”, que explode agora entre os republicanos, e construir consensos em plano mais elevado, como parece querer o Presidente Obama, e mostrar ao mundo que a América é ainda um grande farol iluminador da liberdade e da democracia.

Bem, espero que meus filhos, vivendo cem anos, não tenham que fazer qualquer opção radical no campo político. Nem tenham que ver os horrores da revolta da natureza que muitas vezes tem aparecido nas telas dos cinemas. Espero que a ONU e a Ciência, sem precisar fazer milagres, criem alternativas mais amenas. Espero em Deus.

E espero mais: na multipolaridade anunciada para o século, a única nação cristã e bastante ocidental, que pode estar ao lado dos americanos em concepções filosóficas e religiosas, é o Brasil, este Brasil emergente, que está encontrando agora o seu caminho. Falarei disto no próximo Correio.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br